

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
EXTRAORDINÁRIO APROVEITAMENTO EM TEOLOGIA

PE. BRUNO TAVARES DA SILVA

UMA IGREJA EM SAÍDA:  
SOBRE A MISSIONARIEDADE NOS TEMPOS ATUAIS

ANÁPOLIS - GO

2019

PE. BRUNO TAVARES DA SILVA

UMA IGREJA EM SAÍDA:  
SOBRE A MISSIONARIEDADE NOS TEMPOS ATUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade Católica de  
Anápolis no curso de Extraordinário  
aproveitamento em Teologia sob a  
orientação do Professor Dr. Fr. Flávio  
Pereira Nolêto, OFM.

ANÁPOLIS - GO

2019

## RESUMO

Este trabalho foi realizado para apresentar a temática frequentemente usada no pontificado atual. Com o objetivo de esclarecer e causar-nos um exame de consciência sobre o referido assunto em nossa vida e nossas atividades pastorais. Uma vez que a missionariedade é a alma da Igreja, pois foi da Missão que a Igreja nasceu e se fortaleceu. Com o auxílio dos diversos documentos que abordam este assunto para suscitar-nos maior crescimento.

**Palavras-chave:** Missionariedade. Igreja. Santíssima Trindade. Apóstolos. Missão. Expansão. Cidade. Caridade.

## ***ABSTRACT***

This work was carried out to present the theme frequently used in the present pontificate. In order to clarify and cause us an examination of conscience on the said subject in our life and our pastoral activities. Since missionary is the soul of the Church, it was from the Mission that the Church was born and strengthened. With the help of the various documents that address this subject to raise us greater growth.

**Keywords:** Missionary. Church. Holy Trinity. Apostles. Mission. Expansion. City. Charity.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG – *Ad Gentes*

AT – Atos dos Apóstolos

CIC – Catecismo da Igreja Católica

COR - Coríntios

DAp – Documento de Aparecida

DFPIB – Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil

EF – Efésios

EG – *Evangelii Gaudium*

EN – *Evangelii Nuntiandi*

IL – *Instrumentum Laboris*

JO – João

JPII – João Paulo II

LC - Lucas

LG – *Lumen Gentium*

MC - Marcos

MT - Mateus

OT – *Optatam Totius*

PDV – *Pastores Dabo Vobis*

PO – *Presbyterorum Ordinis*

RMi – *Redemptores Missio*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>ORIGEM DA MISSÃO DA IGREJA</b> .....	<b>8</b>
2.1	A FONTE TRINITÁRIA DA MISSÃO DA IGREJA .....	9
2.2	JESUS CRISTO, O EVANGELIZADOR .....	9
2.3	ESPÍRITO SANTO, O GUIA DA MISSÃO .....	11
<b>3</b>	<b>A MISSÃO DA IGREJA É EVANGELIZAR</b> .....	<b>13</b>
3.1	DOS APÓSTOLOS A TODA IGREJA .....	13
3.2	UMA IGREJA EVANGELIZADORA.....	14
3.3	OS DESAFIOS DA IGREJA MISSIONÁRIA.....	15
<b>4</b>	<b>A IGREJA EM SAÍDA</b> .....	<b>18</b>
4.1	EM ESPÍRITO MISSIONÁRIO .....	18
4.2	A DINÂMICA DO ENCONTRO.....	19
4.3	NECESSIDADES DA ATIVIDADE MISSIONÁRIA .....	20
<b>5</b>	<b>PRESBÍTEROS, MISSIONÁRIOS DE CRISTO</b> .....	<b>22</b>
5.1	O APOSTOLADO MISSIONÁRIO DO PADRE .....	22
5.2	A CARIDADE PASTORAL .....	23
5.3	OS CANDIDATOS AO SACERDÓCIO.....	25
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>27</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende inserir-se no âmbito da realidade atual sobre a missionariedade, a nova evangelização como forma eficaz de anúncio do Evangelho a todas as pessoas; e ainda a sua seriedade como mandato de Cristo. Não se pode ficar de braços cruzados.

É preciso ter coragem de anunciar. É mandato de Cristo e se torna nossa missão como membros de Cristo. Visto que o tema está em conformidade com as constantes exortações de Sua Santidade, o Papa Francisco, no seu desejo por uma Igreja que se abra àqueles que mais necessitam dela.

“Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15).

Sair, ir ao encontro, partir. É confiar no mandato e anunciar pelo mundo a novidade do Reino. Aparece, assim, um questionamento a ser respondido: Diante do mandato/chamado de Cristo à missão, e da posição de Sua Santidade sobre a Evangelização, a questão da missionariedade está sendo um assunto tratado com a devida importância pela Igreja?

A partir disto se pode ter a noção do quão importante é o tema a ser trabalhado. Sobretudo no âmbito de nossas pastorais. Assim, se pode ter certeza de que a “Igreja em saída” é a melhor ou mais eficaz forma de evangelizar nos dias atuais, pois é saindo, indo ao encontro das pessoas que elas encontrarão o Evangelho. Não se pode ficar de braços cruzados esperando que as pessoas venham ser evangelizadas, mas é necessário sair, olhar nos olhos e falar de Deus para poder estar de acordo com o mandato.

Pretendemos refletir nesta obra a temática da missionariedade da Igreja. Da preocupação latente de alcançar o Evangelho para todas as pessoas, pois “é do amor de Deus por todos os homens que a Igreja sempre tirou a obrigação e a força de seu elã missionário: ‘Pois o amor de Cristo nos impele[...]

 (2Cor 5,14)” (CIC, 851).

Assim, para chegarmos a uma conclusão a respeito do tema, refletiremos, a princípio, a missão da Igreja desde sua origem no seio da Trindade e a sua extensão a todos os batizados. A Igreja recebe da Trindade a sua santidade e o sentido de

sua missão, seu cerne é o Amor de Deus que vem ao encontro do homem para resgatá-lo. Abordaremos a missão apostólica e os desafios da Igreja missionária, sobretudo no tocante ao mandato universal: “Todas as nações” (Mt 28,19), “pelo mundo inteiro, a toda criatura” (Mc 16,15), “todos os povos” (Lc 24,47), “até os confins do mundo” (At 1,8). Veremos o espírito missionário da evangelização nos dias atuais, segundo o que o sumo Pontífice, o Papa Francisco, nos apresenta: A Igreja em saída; uma Igreja de portas abertas. Por fim, veremos ainda a missionariedade junto ao sacerdote, de maneira específica o padre diocesano, que na sua vocação está a missão de apascentar o Rebanho de Cristo e, deste modo, deve ser o primeiro missionário da sua comunidade, aquele que conduz os fiéis a Deus e os estimula a sair ao encontro das pessoas que necessitam ouvir a mensagem salvífica.

Distante de ser um tratado de missiologia, aborda-se neste trabalho realidade tão presente desde os primórdios da Igreja e tema tão latente no coração do Santo Padre, que deseja uma Igreja que se abra às dificuldades alheias e à evangelização de todos os povos e nações. E deve ser uma preocupação de todos: anunciar, sem medo, o Evangelho de Cristo.

Para a construção deste trabalho de tipo descritivo foi utilizada fonte bibliográfica de vários documentos da Igreja a respeito da Evangelização e anúncio do Evangelho, dando ênfase, sobretudo na exortação apostólica do Papa Francisco: *Evangelii Gaudium* e no Documento de Aparecida, bem como alguns outros autores católicos como Professor Felipe Aquino. Para sustentar os argumentos também foram utilizados os documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, Catecismo da Igreja Católica, bem como alguns versículos da Sagrada Escritura.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos, cada capítulo com alguns subtítulos. Os capítulos são: A Origem e a missão da Igreja, A missão da Igreja é evangelizar, A Igreja em saída, Presbíteros, missionários de Cristo.

## 2 ORIGEM DA MISSÃO DA IGREJA

“Deus é Amor” (1Jo, 4,8) e num ato de imensa benevolência, criou o homem e o conduz para a comunhão consigo: “O Pai Eterno, por libérrimo e arcano desígnio de sua sabedoria e bondade, criou todo o universo. Decretou elevar os homens à participação da vida divina” (LG, 2).

“No desígnio eterno de Deus, a Igreja constitui, em Cristo e com Cristo, uma parte essencial da economia universal de tua salvação em que se traduz o amor de Deus” (JOÃO PAULO II apud AQUINO, 2004, p. 21). Nele está contido o destino dos homens criados à Sua imagem e semelhança, chamados à dignidade de ser filhos no Filho. O Pai “nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito da sua vontade, para louvor e glória da sua graça com a qual ele nos agraciou” (Ef 1,5-6).

Em São Paulo se vê claramente que a Igreja, unidade entre Deus e os homens, está inserida no plano divino que compreende toda a criação, o de unir tudo em Cristo (Ef 1,9-10). Assim, o início e o mistério da Igreja estão intrinsecamente relacionados com o plano cristocêntrico de salvação do Pai:

A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo e de pôr em luz a dispensação do mistério oculto desde os séculos em Deus, criador de todas as coisas, para dar agora a conhecer aos Principados e à Autoridades nas regiões celestes, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus, segundo o desígnio preestabelecido desde a eternidade e realizado em Cristo Jesus nosso Senhor (Ef 3,8-11).

A Igreja não é uma iniciativa humana, tem origem no amor do Pai, que transborda e se comunica. Ela “é, na sua essência mais íntima, um mistério de fé, estreitamente ligado ao infinito mistério da Trindade.” (JOÃO PAULO II apud AQUINO, 2004, p. 51) Ela é, como afirma o Concílio Vaticano II, “como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus” (LG, 1), portanto é ela a medianeira do amor divino.

Este sujeito da evangelização [a Igreja], porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus. Trata-se certamente de um *mistério* que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional. Proponho que nos detenhamos um pouco nesta forma de compreender a Igreja, que tem o seu fundamento último na iniciativa livre e gratuita de Deus (EG, 111).

## 2.1 A FONTE TRINITÁRIA DA MISSÃO DA IGREJA

A Igreja recebe da própria Trindade a sua santidade e o sentido de sua missão, seu cerne é o Amor de Deus que vem ao encontro do homem para resgatá-lo. “Por assim dizer, Deus Pai sai de si para nos chamar a participar de sua vida e de sua glória” (DAp, 129).

A Igreja peregrina é por sua natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai. Este desígnio provém do ‘amor fontal’ ou da caridade de Deus Pai, que é Princípio sem Princípio e do qual é gerado o Filho e pelo Filho procede o Espírito Santo (AG, 2).

“A Igreja é ‘Sacramento’ do Amor trinitário” (JOÃO PAULO II apud AQUINO, 2004, p. 54), é por seu intermédio que é transmitida a fonte inesgotável do amor misericordioso de Deus aos homens e, a partir dela, de maneira excelente, pode-se transmiti-lo ao próximo. “Assim aparece a Igreja inteira como ‘povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo’” (LG, 4).

Nesta fonte eterna encontra-se o princípio do dinamismo missionário da Igreja, cuja missão é como a extensão histórica da missão do Filho e do Espírito Santo e uma participação vital da ação trinitária na história do homem (JOÃO PAULO II apud AQUINO, 2004, p. 23). Tal perspectiva é aberta por Jesus no seu mandato, encontrado no Evangelho de Mateus, onde todas as nações são chamadas a unirem-se à uma só fé, centralizadas no mistério da Santíssima Trindade. Por este encargo a Igreja “una e santa é chamada a ser posta no mundo como manifestação daquele amor que é Deus” (JOÃO PAULO II apud AQUINO, 2004, p. 54).

## 2.2 JESUS CRISTO, O EVANGELIZADOR

Cristo dá o exemplo sendo o “primeiro evangelizador” (EN, 7), vive para cumprir a vontade do Pai. Enviado ao mundo, disse de si mesmo: “O Espírito do Senhor está sobre mim, eis por que me ungiu, enviou-me a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, pregar aos cativos a libertação e aos cegos restituir a vista” (Lc 4,18). Ele vai ao encontro dos que precisam ouvir sobre o Reino de Deus,

especialmente os marginalizados e oprimidos, e os olha com amor. Ele veio ao homem para retirá-lo da miséria e anunciar-lhe a salvação.

O testemunho que o Senhor dá de si mesmo – “Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus” (Lc 4,43) – tem, sem dúvida nenhuma, uma grande importância, porque define, numa frase apenas, toda a missão de Jesus: “Para isso fui enviado” (Lc 4, 43) [...]. Andar de cidade em cidade a proclamar, sobretudo aos mais pobres, e muitas vezes os mais bem dispostos para o acolher, o alegre anúncio da realização das promessas e da aliança feitas por Deus, tal é a missão para a qual Jesus declara ter sido enviado pelo Pai. E todos os aspectos do seu mistério fazem parte da sua atividade evangelizadora (EN, 6).

Na atitude de Cristo constata-se este ardor missionário:

Ao raiar do dia, saiu e foi para um lugar deserto. As multidões puseram-se a procurá-lo e, tendo-o encontrado, queriam retê-lo, impedindo-o que as deixasse. Ele, porém, lhes disse: ‘Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado (Lc 4, 42-43).

Pode-se encontrar no Senhor a perfeição da pregação da Boa Nova que atinge integralmente os corações abatidos. Incansavelmente se coloca a anunciar a Boa Nova do seu amor a todas as pessoas. “Cristo realiza esta proclamação do Reino de Deus por meio da pregação infatigável de uma palavra da qual se diria que não tem nenhuma outra igual em parte alguma” (EN, 11). Esta mensagem surpreendente é a sua própria vida, que desvenda o mistério de Deus e abraça os corações de todos quantos são por ela tocados. “E aquilo que o Senhor uma vez pregou e n’Ele se efetuou, pela salvação do gênero humano, deve ser proclamado e disseminado até os confins da terra” (AG, 3).

O Divino Redentor sempre dá o primeiro passo e se adianta, nunca ficou estático. Diversas vezes “saiu ao encontro de pessoas em situações muito diferentes: homens e mulheres, pobres e ricos, judeus e estrangeiros, justos e pecadores... convidando-os a segui-lo” (DAp, 147). “Eis que venho”, “Jesus partiu”, “saiu dali”, são palavras que expressam toda a dinâmica pastoral do Cristo, cujos passos marcaram quase toda sua região.

O próprio Deus vai atrás da ovelha perdida, a humanidade doente e extraviada. Quando em suas parábolas Jesus fala do pastor que vai atrás da ovelha desgarrada, da mulher que procura a dracma, do pai que sai ao encontro de seu filho pródigo e o abraça, não se trata só de meras palavras, mas da explicação de seu próprio ser e agir (Deus Caritas Est, 12).

Vemo-lo disponível ao encontro, quando manda aproximar-se o cego do caminho e quando come e bebe com os pecadores, sem se importar que o chamem de glutão e beberrão. Vemo-lo disponível, quando deixa uma prostituta ungir-lhe os pés ou quando recebe, de noite, Nicodemos (EG, 269).

Jesus, o Bom Pastor, “quer comunicar-nos a sua vida e colocar-se a serviço da vida” (DAp, 353). Ora, ele é “o Caminho a Verdade e a Vida” (Jo 14,6) e o que deseja é a introdução de cada homem ao seu mistério de Amor, e que possa aprender dele a doação ao próximo.

Para realização fecunda do mandato missionário, é necessário um encontro pessoal com Jesus. Antes de Anunciar o Cristo é preciso conhecê-lo; e muito além de um estudo teológico, é preciso a intimidade com o Mestre. “A missão universal da Igreja nasce da fé em Jesus Cristo” (RMi, 4). E nela, “Todos os homens e mulheres são chamados a encontrar-se com Cristo, como um amigo em busca de amizade com um seu companheiro de caminho” (Lineamenta, 4).

Este encontro com Jesus, graças ao Seu Espírito, é o grande dom do Pai aos homens. É um encontro para o qual somos preparados pela ação da sua graça em nós. É um encontro no qual nos sentimos atraídos, e que, enquanto nos atrai, transfigura-nos, introduzindo-nos em dimensões novas da nossa identidade, fazendo-nos participantes da vida divina (IL, 19).

### 2.3 ESPÍRITO SANTO, O GUIA DA MISSÃO

O Espírito Santo esteve sempre na vida de Jesus. No seu Batismo em forma de pomba (Mt 3,17) em que manifestava de modo sensível a eleição e a missão do Filho. Por Ele também foi conduzido ao deserto para ser tentado pelo demônio (Mt 4,1). E na Sua força voltou para a Galileia inaugurando sua pregação (Lc 4,18). E, prestes a enviar os discípulos, soprou sobre estes lhes enviando o mesmo Espírito (Jo 20,22).

Em Pentecostes “O Espírito Santo dava início à Missão da Igreja instituída por Cristo” (JOÃO PAULO II apud AQUINO, 2004, p. 48). Esta experiência “fez deles testemunhas e profetas, infundindo uma serena audácia que os leva a transmitir aos outros sua experiência de Jesus e a esperança que os anima” (RMi, 24). Assim, com o Paráclito, puderam anunciar Jesus sem o medo que antes os consumia. É Ele o responsável pela missão eclesial. A missão da Igreja, tal como a de Jesus, é obra do Espírito Santo e “Nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo” (EN, 75).

Os Apóstolos, cada um a seu modo, iniciam a evangelização e difusão do Evangelho aos povos, a partir de Jerusalém. Dando início às várias Igrejas locais. “O Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os

em anunciadores das maravilhas de Deus [...] o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia” (EG, 259).

“O Espírito Santo existe à maneira de Dom. O Espírito Santo é a expressão pessoal desse doar-se, desse ser-amor.” (*Dominum et Vivificantem*, 10 Cf. S. Tomás de Aquino, *Summa Theol.* Ia, qq. 37-38.) É Ele que comunica a gratuidade do infinito Amor de Deus e transmite sua ternura. E sem Ele, jamais se poderia anunciá-lo aos diversos povos.

É preciso “evangelizar com Espírito” (EG, 259), ou seja, ter docilidade de se abrir à ação do Paráclito sem medo. É ter “uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária” (EG, 261). É não querer fazer tudo como se dependesse exclusivamente das próprias capacidades ou forças humanas, mas antes, colocá-Lo à frente e deixar-se conduzir por Ele, para que sejam abertos os corações dos ouvintes e as mentes dos pregadores. Desta forma, a evangelização seria “mais ardorosa, alegre, generosa, ousada, cheia de amor até ao fim e feita de vida contagiante!” (EG, 261).

O Espírito Santo é a “alma da Igreja evangelizadora”; e é a Ele que se deve pedir incessantemente que “venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída para fora de si mesma a fim de evangelizar todos os povos” (EG, 261).

É por meio dele que a Igreja sai de si e parte, a exemplo de Cristo, a vários povos e às pessoas que mais necessitam do alimento espiritual e material.

### 3 A MISSÃO DA IGREJA É EVANGELIZAR

“Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15).

O mandato missionário de Cristo, após Sua Ressurreição, universaliza-se na primeira frase: “Ide por todo o mundo”. Após serem “revestidos com a força do alto” (Lc 24, 49) deveriam partir, espalharem-se pelo mundo todo. O “Ide” é o verbo por excelência da missão, pois exprime a realidade missionária, não ficar parado. Sair, ir ao encontro, partir. É confiar no mandato e anunciar pelo mundo a novidade do Reino.

O mandato universal: “Todas as nações” (Mt 28,19), “pelo mundo inteiro, a toda criatura” (Mc 16,15), “todos os povos” (Lc 24,47), “até os confins do mundo” (At 1,8); não é “uma característica da Igreja imposta a partir de fora, mas expressão de uma propriedade que pertence à sua própria essência” (JOÃO PAULO II apud AQUINO, 2004, p. 147).

#### 3.1 DOS APÓSTOLOS A TODA IGREJA

Pelo alento divino os apóstolos, e com eles toda a Igreja, são encorajados a levar Cristo aos corações dos homens. “A missão universal da Igreja, portanto, não provém debaixo, mas desce do Alto, do Espírito Santo, como que pela penetração nela da universalidade do amor trinitário” (JOÃO PAULO II apud AQUINO, 2004, p. 149).

“A Igreja possui a nota da catolicidade, da qual deriva a sua missionariedade” (JOÃO PAULO II apud AQUINO, 2004, p. 150). Este foi o desejo de Jesus, uma Igreja universal, sem limites nem fronteiras, que atingisse todos os povos, para que houvesse um único rebanho e um só pastor (Jo 10,16). É como uma grande árvore de modo que as aves do céu venham abrigar-se sob os seus ramos (Mt 13,32), ou uma rede que recolhe toda espécie de peixes (Mt 13,47). Chegar ao mundo inteiro, a toda criatura é a finalidade da Igreja de Cristo.

A Igreja nasce do Coração de Cristo e de sua ação evangelizadora junto aos Apóstolos. Ela é o fruto normal, querido, o mais imediato e o mais visível dessa

evangelização. Pela Evangelização, a Igreja atinge de modo excelente a sua finalidade (EN, 15).

Pela Luz do Divino os Apóstolos, encorajados, passaram a transmitir tudo o que viram e ouviram do Mestre (1Jo 1,3). Somente o “Espírito dá-lhes a capacidade de testemunhar Jesus com “parresia”, alargando a sua ação de Jerusalém a toda Judeia e Samaria e até os confins da terra.” (IL, 26).

A missão confiada aos Apóstolos é dirigida a toda Igreja. “Por ser ‘convocação’ de todos os homens para a salvação, a Igreja é, por sua própria natureza, missionária enviada por Cristo a todos os povos para fazer deles discípulos” (CIC 767). “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envio ao mundo” (Jo 17,18). “A Igreja sabe-o bem, ela tem a consciência viva de que a palavra do Salvador – ‘Eu devo anunciar a Boa Nova do reino de Deus’ (Lc 4,43) – se lhe aplica com toda a verdade” (EN, 14).

### 3.2 UMA IGREJA EVANGELIZADORA

A Esposa de Cristo foi fundada para evangelizar, ou seja, ela existe para pregar Cristo e ensinar Sua doutrina; ser o canal do dom da graça, levar o Evangelho aos pecadores e reconciliá-los com Deus; perpetuar o sacrifício de Cristo na Santa Missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa Ressurreição, ápice de sua missão salvífica (EN, 14).

Com São Paulo, a Igreja afirma infatigavelmente: “Anunciar o evangelho não é título de glória para mim; é, antes, necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não evangelizar!” (1Cor 9,16). “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN, 14).

Sendo essa a identidade da Igreja, ser missionário, torna-se o registro do cristão. Cabe a cada batizado evangelizar. E isso não se refere a sair de um país ou cidade e ir de casa em casa, mas viver e anunciar, no próprio estado de vida, o Reino de Deus a todos quantos for possível. É contar com a graça de Cristo e deixar que Ele possa entrar nos corações endurecidos.

O ser essencialmente missionária não significa apenas que a Igreja possui uma missão universal em relação à humanidade inteira, mas que, na sua

realidade constitutiva, na sua alma, e por conseguinte poder-se-ia dizer na sua própria psicologia, possui um dinamismo que se desenvolve de modo concreto na pregação do Evangelho, na difusão da fé e no convite à conversão proclamado 'até os confins da terra' (JOÃO PAULO II apud AQUINO, 2004, p. 150).

“A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes” (DAp, 31). Assumir para si toda a vida de Cristo, ou seja, adotar a missão de Cristo servo, obediente e sofredor. O verdadeiro missionário vive semelhante a Cristo, reflete em si a presença do Ressuscitado, transmite a alegria de ser cristão. “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG, 1). E essa é a maior evangelização, ou pelo menos, a sua base. “Antes ainda da ação, a missão é testemunho e irradiação” (RMi, 26).

“Desejamos que a alegria que recebemos no encontro com Jesus Cristo chegue a todos os homens e mulheres feridos pelas adversidades” (DAp, 29).

Anunciar o Evangelho a todos os povos é proclamar o próprio Cristo, o “Evangelho do Pai” (IL, 18), é levar todos os homens a uma verdadeira fé em Jesus. E esta transmissão da fé consiste em: “reunir o povo de Deus na escuta do Evangelho, na comunhão fraterna, na oração e Eucaristia” (RMi, 26).

A tarefa da Igreja consiste em realizar a *traditio Evangelii*, o anúncio e a transmissão do Evangelho, que é poder de Deus para a salvação dos que creem e que, em última instância, se identifica com Jesus Cristo. Quando se fala em anunciar o Evangelho, devemos pensar numa Palavra viva e eficaz, que realiza aquilo que diz, é uma pessoa: Jesus Cristo, Palavra definitiva de Deus, feito homem (IL, 26).

### 3.3 OS DESAFIOS DA IGREJA MISSIONÁRIA

Sabendo das características de uma Igreja missionária por excelência, é necessário examinar o modo com o qual as comunidades cristãs vivem e testemunham a sua fé. Faz-se mister observar onde se deve focar no anúncio da Boa Nova e quais desafios hodiernos precisam ser alcançados pela, assim chamada, Nova Evangelização.

De modo muito presente na Igreja, a “secularização é fruto de episódios e movimentos sociais e de pensamento que marcaram em profundidade a história e a identidade” (IL, 52). Ela está atuante no mundo contemporâneo nas diversas

culturas e atinge a sociedade numa agressiva maneira de pregar contra Deus, a Religião e a família tradicional. Esta agressiva ideologia está ainda mais precária, pois “permitiu a esta forma cultural de invadir a vida quotidiana das pessoas e de desenvolver uma mentalidade em que Deus está verdadeiramente ausente e a sua própria existência depende da consciência humana” (IL, 52).

Este sistema de ideias mundanos acaba entrando também nas comunidades cristãs “tornando-se não apenas um perigo externo para os crentes, mas um terreno de confronto quotidiano” (IL, 53) o que torna cada vez maior o risco de perder a fé.

A este respeito, percebe-se também como uma dificuldade, a modernização e tecnologia, que, avançando cada vez mais, acabam por distanciar os missionários de um contato pessoal e direto. Grande bem faz à sociedade, mas “a ciência e a tecnologia correm o risco de se tornarem os novos ídolos do presente” (IL, 58). “A maioria dos meios de comunicação em massa nos apresentam agora novas imagens, atrativas e cheias de fantasia” (DAp, 38) e isto diminui aquela forma tradicional da evangelização.

O Papa Francisco refere-se como um desafio do mundo atual a desigualdade social e a economia de exclusão onde grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho nem perspectivas, num beco sem saída. Aqueles que não têm rendas e vivem em pobreza extrema, morando em favelas ou periferias não fazem parte da sociedade; são considerados sobras (EG, 53).

Outro grave desafio para a Nova Evangelização é a descristianização, ou seja, o crescente número de fiéis que abandonam a Igreja Católica pelos mais diversos motivos; bem como os diversos cristãos que dão contratestemunho em suas vidas e não transmitem, em suas atitudes, um modelo de Cristo (RMi, 36). Aqui ainda equipara-se o aumento de igrejas protestantes, que, a seu modo, conquistam inúmeros católicos desvirtuando-os a uma falsa doutrina que os faz incapazes de aceitar novamente a conversão à Igreja de Cristo.

Segundo São João Paulo II, uma das razões mais graves é “a mentalidade do indiferentismo, hoje muito difundida, infelizmente também entre os cristãos, frequentemente radicada em concepções teológicas incorretas e geradora de um relativismo religioso” (RMi, 36). Isso faz relaxar a consciência do cristão a ponto de

aceitar qualquer religião e doutrina. Essas realidades constatam-se explicitamente na relação entre o número de batizados e aqueles que praticam a religião católica.

Mas o que se apresenta mais desafiador é “A falta de fervor, tanto mais grave por nascer de dentro; manifesta-se no cansaço, na desilusão, no acomodamento e no desinteresse, e sobretudo na falta de alegria e de esperança” (EN, 80). Os cristãos que se acostumam com a religião acabam por menosprezá-la; falta-lhes algo que lhes estimule a redescobrir a beleza do ser cristão.

“As dificuldades parecem insuperáveis e poderiam fazer desanimar, se se tratasse de uma obra puramente humana” (RMi, 35), mas se tratando da Igreja de Cristo, esta busca, com entusiasmo, um novo vigor que a leve a encontrar-se com aqueles que se distanciaram e reagregá-los ao seu redil. “As dificuldades internas ou externas não nos devem deixar pessimistas e inativos. O que deve contar é a confiança que provém da fé, ou seja, a certeza de não sermos nós os protagonistas da missão, mas Jesus Cristo e Seu Espírito” (RMi, 36).

## 4 A IGREJA EM SAÍDA

### 4.1 EM ESPÍRITO MISSIONÁRIO

O Documento de Aparecida propôs como necessária a conversão Pastoral que implica uma verdadeira renovação interior da Igreja e que diz respeito às atitudes e a uma mudança de vida. Seguindo o espírito de Aparecida o Papa Francisco tem convocado a Esposa de Cristo à missionariedade. Deste modo, o Santo Padre afirma que “A Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas abertas” (EG, 46), tanto para acolher todos quantos desejam nela acalentar-se, quanto para que aqueles que já experimentaram o Amor Misericordioso de Jesus possam manifestá-lo indo ao encontro dos outros.

Por isso a Igreja missionária desde o seu nascimento, mais do que nunca, diante dos desafios modernos, da indiferença e frieza religiosa, precisa descentralizar-se e ir para as periferias existenciais, ao encontro do homem sedento de Deus. E todas as vezes que ela vai aos mais afastados reencontra-se a si mesma, sua identidade e o seu centro que é Jesus Cristo. “Fiel ao modelo do mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo” (EG, 21). O Evangelho é para todos, não se pode excluir ninguém.

Como bem diz o Papa Francisco:

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos (EG, 49).

É preciso estar em atitude de prontidão, “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG, 20). Nesta perspectiva a Santa Igreja necessita de um novo vigor, “que a impeça de se instalar na comodidade, no cansaço e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres” (DAp, 362). O que significa sair do isolamento e de se lançar à missão de toda a Igreja, para dar um testemunho centrado na escuta e compaixão. “Hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária” (EG, 20).

É imperioso sair dos “escritórios e sacristias” e evangelizar, senão é possível cair num mero funcionalismo. Porque Evangelizar é, em primeiro lugar, “dar testemunho, de maneira simples e direta, de Deus revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo” (EN, 26). E corresponde ao mandato de Cristo de fazer discípulos em todos os povos (Mt 28, 19).

#### 4.2 A DINÂMICA DO ENCONTRO

A tomada de consciência da missionariedade deve proporcionar um processo em saída: não pode esperar que as pessoas venham à procura, é preciso ir ao encontro delas e anunciar-lhes a Boa Nova onde elas se encontram. Anunciar-lhes a beleza do Evangelho e a grandeza de Cristo. Trata-se de uma “cultura do encontro”, deparar-se com os que não conhecem, recusam ou são indiferentes à mensagem.

Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o passo, pôr à parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho (EG, 46).

É agir como o bom Samaritano, que auxiliou com misericórdia alguém que encontrou no cotidiano. Às vezes, o primeiro lugar para evangelizar é a própria casa, o ambiente de estudo, trabalho. Nem sempre é preciso falar para evangelizar, a própria vida deve ser o Evangelho que muitas pessoas estão precisando. Pois, “para manifestar diante dos homens sua força de verdade e de irradiação, a mensagem da salvação deve ser autenticada pelo testemunho de vida dos cristãos” (CIC 2044).

O próprio Jesus é o modelo da opção evangelizadora que insere cada um no coração das pessoas (EG, 269): se falava com alguém fitava-o no olho (Mc 10,21) As pessoas precisam ser ouvidas, o contato pessoal é o que transmite a presença de Deus. No Novo Testamento observa-se repetidas vezes seu contato com o povo: para realizar as curas tocava as pessoas, como aconteceu com o surdo-gago (Mc 7,31-37); Ele não precisava tocar para curá-lo, mas o fez para que Sua humanidade fosse manifestada.

Essa proximidade com as pessoas é importante porque abre caminho para um anúncio autêntico do Reino de Deus. “O discípulo de Cristo não é uma pessoa isolada em uma espiritualidade intimista, mas uma pessoa em comunidade para se dar aos outros” (FRANCISCO, 2013, p.134). E essa dinâmica deve envolver o evangelizador. “É preciso também desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isso se torna fonte de uma alegria superior” (EG, 268).

A alegria de pertencer a Cristo e de ser tomado pelo seu Evangelho é transmitida a todos de forma surpreendente. A intimidade com Cristo plenifica o coração de um entusiasmo que não se detém a si e é comunicado aos outros. Neste regozijo, todos são chamados “a refletir a glória do amor de Deus, que é comunhão, e assim atrair as pessoas e os povos para Cristo” (DAp, 159).

Viver a alegria significa ser o fermento de Deus no mundo e anunciar a Sua salvação a quem muitas vezes se sente perdido, necessitado de ter respostas que encorajem, deem esperança e novo vigor para o caminho. A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam se sentir acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida nova em Cristo, é onde todos podem se sentir filhos amados de Deus (EG, 114).

Todos são responsáveis por transmitir a alegria que recebe do Ressuscitado. O Espírito Santo impele a um impulso missionário que exige “de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo” (DAp, 173), seja em âmbito diocesano ou paroquial, para anunciar a riqueza da Palavra de Deus.

Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário (EG, 35).

#### 4.3 NECESSIDADES DA ATIVIDADE MISSIONÁRIA

O motivo pelo qual a Igreja busca essa renovação constante no Espírito Santo e assume incansavelmente a atividade missionária em contínua saída está centrado na vontade de Deus. “É do *amor* de Deus por todos os homens que a

Igreja sempre tirou a obrigação e a força de seu elã missionário: ‘Pois o amor de Cristo nos impele[...]’ (2Cor 5,14)” (CIC, 851).

“Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2, 4). Os que estão neste caminho e obedecem às inspirações do Espírito Santo já se encontram no rumo da salvação, entretanto, a Igreja de Cristo, portadora da Verdade, deve ir ao encontro de todos levando este mesmo conteúdo (CIC, 851).

É necessário que pela pregação da Igreja todos reconheçam a Cristo e a Ele se convertam. Por isso, não podem salvar-se aqueles que reconhecem na Igreja católica uma instituição fundada por Nosso Senhor e necessária à salvação, e contudo, não quiserem nela entrar ou permanecer. Ainda assim, Deus pode levar à fé e a salvação àqueles que, sem culpa, ignoram o Evangelho. Mesmo assim, é dever da Santa Igreja de Deus, e também seu direito sagrado, evangelizar (AG, 7). Por este motivo, a força da atividade missionária deve fazer-se presente.

“A universalidade da salvação em Cristo não significa que ela se destina apenas àqueles que, de maneira explícita, creem em Cristo e entraram na Igreja. Se é destinada a todos deve ser posta concretamente à disposição de todos” (RMI, 10). Nesta dimensão compreende-se com clareza o anseio mais profundo do coração do Santo Padre de uma Igreja dinâmica, essencialmente missionária que, como mãe, não se relacione com seus filhos por cartas, mas seja cuidadosa, próxima e aberta para, com Misericórdia, acolher a todos conduzindo-os nos caminhos da Verdade e Salvação.

Finalmente, por esta atividade missionária, Deus é plenamente glorificado, enquanto os homens por ela recebem, plena e conscientemente a obra de salvação que Ele em Cristo levou a cabo. E assim se realizam por ela os desígnios de Deus, aos quais Cristo serviu com obediência e amor para a glória do Pai que o enviou, e para que todo gênero humano forme um só povo de Deus, se uma num só corpo de Cristo, e se edifique num só templo do Espírito Santo[...] (AG 7).

## 5 PRESBÍTEROS, MISSIONÁRIOS DE CRISTO

### 5.1 O APOSTOLADO MISSIONÁRIO DO PADRE

A parábola da ovelha perdida retrata a imagem do Bom Pastor, que deixa as outras noventa e nove e parte à procura daquela que está perdida, isolada, fugida, sem rumo nem esperança (Lc 15, 4-7). Os pastores são os primeiros convocados a sair de si e ir atrás daqueles que podem e precisam integrar-se ao redil do Senhor. É o primeiro discípulo missionário que, através do seu ardor, deve motivar toda a comunidade a assumir a missão. “Os primeiros promotores do discipulado e da missão são aqueles que foram chamados ‘para estar com Jesus e serem enviados a pregar’ (Mc 3,14), ou seja, os sacerdotes” (Bento XVI, *Apud* DAp, 2008, p. 262).

O Presbítero é chamado não somente ao discipulado, mas para um apostolado como Pastor no meio do povo. Eles são “os primeiros agentes de uma autêntica renovação da vida cristã do seu povo” (Bento XVI, *Apud* DAp, 2008, p. 262).

Sentir compaixão, partilhar a dor do outro, compreender, perdoar, doar-se, amar e entregar-se constituem as características básicas de um bom pastor. Qualquer atitude contrária revela alguém que apascenta a si próprio e cuida das ovelhas apenas por interesses pessoais e que nunca vai ao encontro de alguém, porque jamais saiu de si mesmo.

O Sacerdote deve emanar a presença de Deus; por seus atos e palavras deve transmitir a sua amizade profunda com Jesus, ele deve partilhar dos mesmos sentimentos de seu Mestre. Somente assim poderá levar aos homens a mensagem salvífica. Para cumprir sua missão, deve possuir uma sólida estrutura espiritual. (DAp, p. 262) “Enquanto pastores, somos convidados a tomar consciência, mais do que qualquer outro membro da Igreja, deste dever” (EN, 68).

Em sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, São Paulo VI faz uma referência da importância da missionariedade dos Presbíteros, frutos da Misericórdia de Deus:

Como Pastores, nós fomos escolhidos pela Misericórdia do supremo Pastor, apesar da nossa insuficiência, para proclamar com autoridade a Palavra de

Deus, para reunir o povo de Deus que andava disperso, para alimentar este mesmo povo com os sinais da ação de Cristo que são os Sacramentos, para o encaminhar para a vida de salvação, para o manter naquela unidade de que nós somos, em diferentes planos, instrumentos ativos e vivos, para animar constantemente esta comunidade congregada em torno de Cristo na linha da sua vocação mais íntima (EN, 68).

Juntamente com os Bispos, os sacerdotes, ministros da evangelização, são chamados a exercer a missão da Igreja de modo pleno, pois agem em nome de Cristo enquanto educadores do povo de Deus na fé, pregadores, ao mesmo tempo que ministros da eucaristia e dos sacramentos (EN, 68). Eles, enviados por Cristo, vão aos que ainda não O encontraram, ou daqueles que O conhecem, mas perderam as esperanças frente às dificuldades e malícias do mundo. “E sempre que nós, na medida das nossas limitações, perfazemos tudo isso, é uma obra de evangelização aquilo que nós de fato realizamos” (EN, 68).

“Se há homens que proclamam no mundo o Evangelho da salvação, fazem-no por ordem, em nome e com a graça de Cristo Salvador” (EN, 59). Eles se doam, dedicam suas vidas em favor dos que necessitam. Não somente num sentido de obrigação, mas “na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho” (DAP, 31).

Viver o sacerdócio à semelhança do de Cristo é cumprir plenamente Sua vontade, desejar ligar-se a Ele para que possa realizar a missão. “Unidos a Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama” (EG, 267). Penetrados em Seu ardente coração, vive-se a doação, a entrega ao próximo derramando uma surpreendente alegria em servir. Ter uma abertura de coração para fazer o bem.

A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu *sou uma missão* nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar (EG, 273).

## 5.2 A CARIDADE PASTORAL

Pela sua consagração sacerdotal, os padres são configurados “a Jesus Bom Pastor e são chamados a imitar e a reviver a sua própria caridade pastoral” (PDV

22). E assinala-se neles atitudes e comportamentos próprios do Mestre. Isto deve incluir uma “entrega apaixonada por sua missão pastoral” (DAp, 195).

O Presbítero, à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia e compaixão, próximo a seu povo e servidor de todos, particularmente dos que sofrem grandes necessidades. A caridade pastoral, fonte da espiritualidade sacerdotal, anima e unifica sua vida e ministério (DAp, 198).

O Povo de Deus sente uma imensa necessidade de presbíteros que tenham uma profunda experiência de Deus, que sejam dóceis às orientações do Espírito, que se nutrem da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração, que são movidos pelo ardor missionário que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes. Que cheios de misericórdia são como cordeiros no confessionário e apresentam a mansidão do Cristo que sempre está disposto a perdoar (DAp, 199).

“A vida espiritual dos ministros do Novo Testamento deve levar, portanto, a marca desta atitude essencial de serviço ao povo de Deus, destituído de qualquer presunção ou desejo de assenhorar-se do rebanho a ele confiado” (PDV, 21). Sua vida deve manifestar uma terna fidelidade à missão de ser sal da terra e luz do mundo.

São João Paulo II, em sua exortação apostólica pós-sinodal, reflete sobre a vida de Cristo que é marcada pela caridade pastoral, indicando aos presbíteros a semelhança com Cristo:

A sua vida é uma ininterrupta manifestação, melhor, uma cotidiana realização da sua caridade pastoral: sente compaixão das multidões porque estão cansadas e esgotadas como ovelhas sem pastor; procura as dispersas e tresmalhadas e festeja o tê-las reencontrado, recolhe-as e defende-as, conhece-as e as chama uma a uma pelo seu nome, e as conduz aos pastos verdejantes e às águas refrescantes (PDV, 22).

“A caridade pastoral é aquela virtude pela qual nós imitamos Cristo na entrega de si mesmo e no seu serviço” (PDV, 23). É a oferta de si mesmo que manifesta o amor de Cristo às pessoas. Ela “determina o nosso modo de pensar, de agir, o modo de nos relacionarmos com as pessoas” (PDV, 23). Seu conteúdo essencial é o dom de si.

O sacerdote a partir de uma devota vida eucarística descobrirá a fonte inesgotável de sua espiritualidade que é o Amor que “se apresenta como centro e raiz de toda a vida do presbítero” (PO, 14).

### 5.3 OS CANDIDATOS AO SACERDÓCIO

“Os seminários constituem um espaço privilegiado para a formação de discípulos e missionários” (DAp, 316). No período de formação, os seminaristas compartilham a vida, a exemplo dos primeiros cristão: oram juntos, celebram a mesma liturgia que culmina na Eucaristia, pela Palavra de Deus recebem os ensinamentos que iluminam sua mente e aquece seu coração para o exercício da caridade fraterna e da justiça. Pelos serviços pastorais, preparam-se para viver uma sólida espiritualidade, sendo sinal de Cristo no mundo, tendo em vista a missão futura de governar o povo de Deus (PDV, 60; OT, 4).

Jesus Chama, escolhe e prepara seus discípulos para serem pastores de seu rebanho. “Chamou a si os que ele quis, e eles foram até ele. E constituiu Doze para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar” (Mc 3, 13-14). Deste modo, os alunos do seminário têm um tempo de preparação e permanência com o Mestre, aprendendo a sacrificar-se e a doar a própria vida.

O seminário configura-se como uma comunidade educativa em caminhada: é comunidade promovida pelo Bispo para oferecer, a quem é chamado pelo Senhor a servir como os Apóstolos, a possibilidade de reviver a experiência formativa que o Senhor reservou aos Doze (PDV, 60).

E nesta prática cada um se conforma progressivamente ao modelo ideal: Jesus. É um período de intimidade com o Senhor em que são moldados segundo o Coração de Cristo, para no futuro encontrar na Eucaristia e no apostolado a fonte de sua espiritualidade.

O documento 93 da CNBB, Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, fala de uma pastoral-missionária que é princípio unificador de todo o processo formativo e que consiste na necessária qualificação específica para o ministério pastoral (Doc, 93, 300). “A devida e bem programada combinação entre os aspectos teóricos e vivenciais da formação pastoral-missionária contribui para evitar um aprendizado apenas operativo” (ibid.).

O formando deve crescer na assimilação a Cristo, o Bom Pastor, e cultivar os mesmos sentimentos do Mestre. De igual modo, precisa desenvolver a responsabilidade para com o Povo de Deus e a caridade pastoral, e, com esta, experimentar a comunhão com a comunidade cristã, conhecendo as diversas

realidades da Igreja local para ser verdadeiro discípulo, adquirindo um espírito missionário e uma consciência da importância da evangelização.

Expressivamente diz São Bernardo: “Se tens bom senso serás mais concha que canal. O canal deixa passar simplesmente a água sem reter uma gota; a concha, pelo contrário, primeiro se enche a si mesma e depois extravasa o que lhe sobra da sua plenitude” (CINFUENTES, 2009, p. 79). O período formativo corresponde um tempo de reservas; de acolher o que Nosso Senhor tem a oferecer, de preencher o intelecto de conhecimentos, doutrinas e teologia. A partir disso o coração é preenchido de espiritualidade e do amor de Deus, que forma para uma plenitude de doação, e, no futuro, estar preparados para, como os Apóstolos, falar conforme o Espírito conceder e colocar em prática o que “vimos e ouvimos” (At 2,4) no tempo de seminário. Portanto, é essencial encher-se para derramar aos outros o que se tem: Deus, pois apenas isto as pessoas esperam de dos que o anunciam.

## CONCLUSÃO

A elaboração desse consistiu numa oportunidade de aprofundar a atual temática presente na proposta de Sua Santidade, o Papa Francisco, suscitou uma reflexão frutuosa, maior interesse, entendimento e uma nova perspectiva sobre o referido assunto, bem como um crescimento pastoral, humano, espiritual e pessoal.

Considerando a exigência da missionariedade para a Igreja não podemos ficar alheios e transferirmos uns aos outros a responsabilidade própria, devemos, como Corpo Místico de Cristo, analisar nossas atitudes frente à crescente necessidade da nova evangelização que vivemos.

Precisamos de um novo ardor que nos impulse a lançarmo-nos aos desafios que a sociedade apresenta. Evangelizar, é uma obrigação de todos, e precisa ser a nossa meta. A caridade fraterna deve nos envolver e nela encontramos razões e motivos para o cuidado do próximo.

Percebemos que, salvo raras exceções, o assunto da missionariedade não é abordado em nossas assembleias, reuniões, formações; não tem a devida importância; e se é abordado o assunto, fica somente nas palavras. É preciso vigor e ação, para colocar as palavras em prática, agir com ação e oração, e sobretudo com o coração para que o Evangelho seja conhecido em todos os lugares. Cada um pode, no pouco que já faz, ser uma ponte entre Deus e as pessoas, basta ter a atitude e o desejo de sair e anunciar.

Como podemos perceber muito facilmente, a Evangelização se faz necessário em todos os ambientes, escolas, faculdades, ambientes de trabalho etc. As cidades têm crescido cada vez mais, o que chamamos de expansão urbana. E a cada vez que cresce aumenta a necessidade de oferecer a todas as pessoas a alegria do Evangelho. É possível que futuramente outro método de evangelização se torne mais eficaz, sobretudo devido esse aumento populacional, desenvolvimento tecnológico, mudança de cultura etc., mas o Evangelho continuará sendo sempre o mesmo a ser anunciado, independentemente do método utilizado.

“Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!” (EG, 49).  
Cumpramos a Missão que Ele nos confiou. Deixemo-nos moldar pelo Divino Oleiro,

Ele nos quer discípulos-missionários. Corramos para oferecer a todos o que mais necessitam: o Amor misericordioso de Deus.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Felipe (Org.). **A Igreja: 51 catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas, 2004.

ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA A AMÉRICA. **Lineamenta**. São Paulo: Paulinas, 1996.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus Caritas est**. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CINFUENTES, Rafael Llano. **Sacerdotes para o terceiro milênio**. Aparecida: Editora Santuário, 2009.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2010.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Ad Gentes**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Decreto Lumen Gentium**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Decreto Optatam Totius**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Decreto Presbyterorum Ordinis**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Palavras do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Missio**. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Pastores Dabo Vobis**. São Paulo: Paulinas, 1992.

PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. São Paulo: Paulinas, 1990.

SÍNODO DOS BISPOS. **A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã: Instrumentum Laboris**. Brasília: Edições CNBB, 2012.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. **Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2008.